



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p366-399

PREPOSIÇÃO E PREFIXO EM PB: UMA ANÁLISE TRANSCATEGORIAL

PREPOSITION AND PREFIX IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A TRANSCATEGORIAL ANALYSIS

Márcia Romero¹
 Thatiana Ribeiro Vilela²

Recebimento do texto: 26/06/2020

Data de aceite: 20/07/2020

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar hipóteses preliminares acerca do modo como a identidade semântica da preposição COM pode interferir na apreensão da semântica de verbos prefixados por CO. Para tanto, tomamos como ponto de partida análises que buscam identificar e esclarecer em que medida preposição e prefixo figurariam, nestes casos, como categorias isoladas ou se teríamos a ocorrência de uma transcategorização, na qual um mesmo marcador pertenceria não mais a uma determinada classe, mas transitaria por diferentes categorias. Fundamentamo-nos no referencial teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli (1999) e conferimos destaque para os estudos de Franckel & Paillard (2007), Ashino & De Penaros (2016) e Ashino *et al.* (2017), os quais abordam a semântica preposicional e prefixal.

PALAVRAS-CHAVE: Preposição; Prefixo; Semântica lexical; Semântica preposicional; Transcategorização.

ABSTRACT: This research aims at presenting some preliminary hypothesis regarding how the semantic identity of preposition COM (WITH) may interfere in the comprehension of the semantics of verbs prefixed by CO (co-). In order to do that, analysis were made to identify and understand the extent to which the preposition and the prefix would be isolated categories, or if there would be transcategorization, in which the same marker wouldn't belong to the same class, but could be found in different categories. This research is based on the Theory of Enunciative and Predicative Operations by Antoine Culioli (1999) and on the perspective and studies by Franckel & Paillard (2007), Ashino & De Penaros (2016) and Ashino *et al.* (2017), all of which discuss the semantics of prepositions and prefixes.

KEYWORDS: Preposition; Prefix; Lexical semantics; Prepositional semantics; Transcategorization.

¹ Doutora da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: marcia-romero@uol.com.br

² Doutoranda da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: thatianatr21@gmail.com





Introdução

O português do Brasil (PB) organiza-se por meio de um conjunto de categorias consolidadas que reúnem elementos cujos “funcionamentos [são] extremamente previsíveis” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 96, In. DE VOGÜÉ *et al.*, 2011), e isso pelo fato de haver classes, em número limitado, que abrangem unidades linguísticas com características morfossintáticas semelhantes. Ainda que isso se verifique, não se pode deixar de atentar para a frequência com a qual uma dada unidade transita entre categorias.

Como um dos vários exemplos desse fenômeno, citamos os morfemas prefixais de formas livresⁱ que trazem em sua origem uma natureza preposicional. No curso de reflexões como estas, as análises do funcionamento semântico-enunciativo da preposição COM realizadas por Vilela (2016)ⁱⁱ e aquelas direcionadas ao prefixo COⁱⁱⁱ desenvolvidas por Romero & Trauzzola (2016) estimularam a examinar a existência do vínculo entre *preposição* e *prefixo*. A questão que se coloca é saber se existem duas categorias (preposição e prefixo) ou um mesmo marcador transcategorial capaz de desempenhar comportamentos variados, a depender do ambiente no qual é posto em jogo.

Em PB, encontramos várias unidades prefixadas em CO, prefixo latino que, etimologicamente, provém de CUM-, tido como o que designa “*concomitância, reunião*”, forma esta que parece compartilhar com a preposição COM características semânticas, sem que isso signifique que



prefixo e preposição devam ser, necessariamente, apreendidos como semelhantes quanto à forma e à função.

Este ponto é o que nos leva a refletir sobre a possibilidade de a identidade semântica da preposição COM, descrita em termos de um esquema operatório invariante, ser capaz de contribuir para explicar o papel do prefixo; e, ainda, como já mencionamos, sobre a possibilidade de se verificar uma única unidade que transita entre duas categorias distintas (*preposição e prefixo*).

Para encabeçar o estudo, ainda em desenvolvimento, tomamos como objeto apenas as formas verbais ROMPER-CORROMPER, lançando mão das contribuições trazidas por Lima (2013) e Romero & Trauzzola (2014) a respeito do funcionamento semântico-enunciativo do verbo ROMPER. Em nosso percurso, apoiamos-nos no referencial teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, com ênfase nos trabalhos de Franckel & Paillard (2007), Ashino & De Penaros (2016) e Ashino *et al.* (2017) sobre a semântica preposicional e prefixal.

No que se refere à organização do artigo, optamos por apresentar, em grandes linhas, o posicionamento teórico adotado em relação ao semantismo da unidade linguística, apreendido, por nós, em termos de *identidade semântica* (IS); em seguida, por tratar, em um primeiro momento, da IS verbal, com particular atenção para a IS do verbo ROMPER, em um segundo, da IS preposicional, mais especificamente, da IS de preposição COM, para, ao término, propor reflexões sobre ROMPER COM; por fim, abordamos as relações entre COM preposição e



CO prefixo, analisando, dessa vez, o funcionamento semântico-enunciativo do verbo CORROMPER a partir da integração *prefixo-verbo*^{iv}.

Semantismo da unidade na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) sustenta que a linguagem não tem como fundamento um substrato semântico-cognitivo autônomo do qual seria a expressão: a linguagem, para este referencial, é, constitutivamente, uma atividade de construção de sentido e de conhecimento (CULIOLI, 1990; DE VOGÜÉ *et al.*, 2011; ROMERO *et al.*, 2019). Nessa linha de raciocínio, o semantismo próprio a uma dada unidade linguística não se apoia em um sentido de base ou primeiro, sendo este o produto da interação que as unidades que compõem um enunciado estabelecem entre si, a preposição, o prefixo e o verbo interferindo diretamente, cada qual a sua maneira, nesse processo de ordem relacional.

Para referirmos ao semantismo de uma dada unidade linguística, utilizamos o conceito de *identidade semântica* (IS), definido como um esquema operatório regular – um esquema *invariante* – no qual se verificam parâmetros a serem mobilizados a cada vez que a unidade linguística se enuncia. Trata-se, assim, de um esquema operatório de natureza abstrata, a ser reconstruído pelo exame das interações que se dão a cada emprego da unidade a ser analisada, e que responde, ao mesmo



tempo, pela variação semântica atestada no próprio desenrolar da enunciação. Como explica Franckel (2011):

(...) a identidade de uma unidade se define não por algum sentido de base, mas pelo *papel específico que ela desempenha* nas interações constitutivas do sentido dos enunciados nos quais ela é posta em jogo. Esse papel é apreensível não como um sentido próprio da unidade, mas através da variação do resultado dessas interações. (...) Não há sentido próprio e sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma *épura*, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo. (FRANCKEL, 2011, p. 22, In. DE VOGÜÉ *et al.*, 2011)

A unidade é definida não mais por um conteúdo preestabelecido, mas por propriedades passíveis de serem apreendidas pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade. (FRANCKEL, 2011, p. 51, In. DE VOGÜÉ *et al.*, 2011)

Em relação ao semantismo de uma unidade, qualquer que ela seja, busca-se, em suma, não sentidos que poderiam ser tidos como primitivos, mas dar a conhecer este esquema operatório invariante que sustenta a proliferação de sentido observada nos enunciados. Nas seções seguintes, trazemos exemplos de IS de unidades linguísticas, bem como do modo pelo qual os parâmetros que lhes são próprios interagem quando do enunciar das unidades, movimento que está na base do objeto deste artigo.

Em decorrência do exposto, assumimos que a identidade semântica do prefixo, da preposição e a do verbo são capazes de, a partir do que dispõem como parâmetros de funcionamento semântico-enunciativo, especificar com quais outras unidades podem ou não



estabelecer interação, sendo este, por exemplo, o caso do verbo ROMPER e da preposição COM, cuja afinidade se dá de modo deveras particular.

Isso pode ser observado em (1) *Ele rompeu a marca* e (2) *Ele rompeu com a marca*, em que se evocam, para o SN *a marca* e para o sujeito *ele*, representações distintas em função ou não de o SN integrar um sintagma introduzido pela preposição COM (SPrep): em (1), o SN *a marca* tende, por exemplo, a remeter a um valor definindo o limite ultrapassado (cf. *O dólar rompeu a marca dos R\$ 3 reais*), enquanto que, em (2), remete a uma parceria estabelecida entre alguém e uma marca entendida como *instituição comercial* (cf. *O lojista rompeu com a marca até então comercializada em seu estabelecimento*). Nota-se que a relação observada entre ROMPER e COM está para além de quaisquer pressupostos sintáticos atrelados às questões de transitividade^v, o que mostra que a combinatória dos parâmetros constitutivos da IS de cada uma das unidades assegura a imbricação observada. Tal fenômeno, ao nosso ver, seria igualmente capaz de esclarecer o que acontece nos casos em que uma base verbal recebe um prefixo.

Sobre os parâmetros de funcionamento de ROMPER

Quando falamos em IS, postulamos a existência de um esquema operatório invariante capaz de responder pela variação semântica resultante da interação das unidades morfolexicais no próprio desenrolar da enunciação.



A identidade semântica verbal possui particularidades, o que faz com que concebamos os seus parâmetros de funcionamento a partir de um esquema que contempla, além dos modos como esta unidade interage com os demais elementos de um enunciado, o modo como convoca contextualizações possíveis e que não são quaisquer, pois atendem, necessariamente, às condições previstas nessa IS.

No que se refere à identidade semântica de ROMPER, partimos da análise de vários enunciados aos quais esse verbo se integra para postular que ROMPER:

(...) marca a dissolução do que tem a função de estabelecer limites ou do que se mantém em um determinado curso; sua ação incide sobre elementos que se configuram como determinantes para o estabelecimento de limites, obstáculos, proteção, contenção etc. do que pode ser retido, contido (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 245).

Tal reflexão conduz Romero & Trauzzola (2014, p. 245) a formalizar o funcionamento semântico-enunciativo verbal nos seguintes termos, que descrevem a sua identidade semântica:

Dado um elemento *a* que se apresenta como retentor (limitador) de *Z*, **ROMPER** conduz à supressão de *a* (do que confere um limite a *Z*).

Nesta formalização da IS do verbo, percebe-se a existência de dois parâmetros *a* e *Z*, que não correspondem necessariamente a argumentos verbais^{vi}. Tais parâmetros são mobilizados pelo verbo ao se enunciar e, por isso mesmo, integram a sua identidade. Como ilustração do modo como esses parâmetros se materializam nos enunciados, consideremos os exemplos abaixo^{vii}, o primeiro deles já mencionado:





(3) O dólar rompeu a marca dos R\$ 3 reais.

O SN *a marca* (parâmetro *a*) estabelece o limite no qual o dólar se encontra em relação a seu valor em real. Em outras palavras, *a marca*, ao se enunciar com ROMPER, postula um limite que determina *o limitado* (parâmetro *Z*), a saber, o teto a partir do qual se avalia o valor do real: R\$ 3. Assim, *a*, enquanto parâmetro, é *a marca*, limite (teto) circunstancial no qual o dólar se encontra em relação ao real, e *Z*, R\$ 3 reais, valor passível de ser ultrapassado.

(4) A parede da estação de tratamento ROMPEU na tarde deste domingo.

Em um enunciado como este, o verbo ROMPER faz com que o SN *a parede da estação de tratamento* (parâmetro *a*) seja apreendido por sua função de reter algo (parâmetro *Z*, a ser recuperado: *a água, o esgoto* etc.) contido em seus limites. ROMPER diz que *a parede de estação de tratamento* (*a*) não mais retém *Z*.

(5) Quando a casca se ROMPE é hora de tirar o amendoim do fogo.

Neste enunciado, o SN *a casca* (parâmetro *a*) representa o responsável por reter *o amendoim* (parâmetro *Z*) contido em seu interior. ROMPER *a casca* é fazer com que esta não mais retenha, contenha *Z*.

(6) E se você ROMPE um preconceito, isso ajuda a acabar com os outros.

O termo *preconceito*, presente no SN *um preconceito* (parâmetro *a*), refere-se a convicções pré-estabelecidas em função de critérios pessoais, sem exame crítico, qualificadas como desfavoráveis. Tais



convicções, quando enunciadas com ROMPER, são vistas como o que limita *comportamentos, modos de pensar* (parâmetro Z) dos que nelas se fundamentam. ROMPER *um preconceito* é fazer com que Z não seja mais limitado por a.

Esses enunciados, embora em número restrito, evidenciam uma regularidade de funcionamento sustentada por um *esquema invariante* que retrata a identidade semântica de ROMPER. Observa-se, neles, de que modo a formalização proposta como IS de ROMPER mobiliza os parâmetros no processo do dizer. Em outras palavras, o semantismo do verbo mostra que ROMPER funda a presença de um elemento qualificado como *retentor* (o que retém algo, o que lhe confere um limite) e de outro qualificado como *retido* (o que é limitado) para exprimir que a *retenção* é suprimida, anulada. Retomamos esses parâmetros posteriormente, no estudo de ROMPER COM e CORRROMPER.

Sobre os parâmetros de funcionamento de COM

Na TOPE, unidades conhecidas como preposição definem-se enquanto relatores, não por ligar ou unir termos, mas por instituírem um movimento de orientação entre termos, a saber, entre X, que antecede a preposição, e Y, que a segue. Uma preposição participa, portanto, de um esquema notado por $X R(\textit{prep}) Y$ (ASHINO *et al.*, 2017), o que implica considerá-la como parte integrante de uma relação, seja no que diz respeito ao termo X, que a antecede, orientado pelo termo Y, que a segue,



seja no que diz respeito ao modo como esses dois termos são definidos na descrição de seu semantismo.

Sobre a natureza dos termos que cercam a preposição, Y, termo que a segue, é beneficiado por ser facilmente identificado no enunciado. A partir de Y, afere-se sobre qual termo ele incide, termo este de natureza complexa, o qual chamamos de X. Na maioria das vezes, X necessita ser recuperado por não se encontrar explícito no enunciado. Em um posicionamento diferente do que trazem alguns estudos voltados para a semântica das preposições, X não corresponde, por exemplo, ao próprio verbo.

A título de ilustração, consideremos os enunciados abaixo, que partem da análise da preposição COM por nós realizada (VILELA, 2016). Nessa análise, a função sintática atribuída ao sintagma preposicionado (SPrep) não é levada em conta, pois a orientação de X por Y, mediada pela preposição COM, remete a um esquema operatório invariante, independentemente da função adquirida pelo sintagma. Detalharemos esse esquema mais adiante. Por ora, preocupamo-nos apenas em identificar X e Y.

(7) Contratei COM Potter uma visita às docas de Nelson.

Neste enunciado, o SPrep *COM Potter* modifica a apreensão do contrato estabelecido. Percebe-se que o contrato se dá por intermédio de *Potter*, identificado como o *contratado* (Y), como aquele que organiza a visita almejada pelo *contratante* (X, aqui, *eu que contrata*). COM faz X ser apreendido como um *cliente*.



(8) De manhã eu tomo café COM leite, normalmente.

COM, ao anteceder *café* e introduzir *leite*, mostra que a inversão dos substantivos em questão altera a representação do *a ser bebido*. Embora substâncias independentes, *café* e *leite* passam a coexistir em uma substância homogênea, a ordem em que aparecem apontando para o fato de ser o *leite* (Y) o elemento incorporado ao *café* (X). Isso confere a X propriedades que não possuía anteriormente, posto que, dada a presença do *leite*, já não se pode mais falar em um *café* puro. COM, ao introduzir *leite* (Y), faz com que se requalifique *café* (X), pois a ele se agregam outras características.

Nos exemplos a seguir, há tendência em se associar a natureza de X ao próprio verbo. Entretanto, nas análises, percebemos que a correspondência direta entre X e verbo não se observa, pois a apreensão de X se confirma complexa, de modo que só é possível recuperá-la no desenrolar da própria operação entrevista em X R(pre) Y, em que COM é o relator:

(9) Agarrei a minha oportunidade COM unhas e dentes.

Neste enunciado, a apreensão que se tem do *eu que agarra* (X) em *agarrei a minha oportunidade* aproxima-se, num primeiro momento, da ideia de *aproveitamento*. COM, ao introduzir *unhas e dentes* (Y), faz com que *eu que agarra*, i.e. a forma pela qual se aproveita da oportunidade, seja apreendido de outro modo, agora, pelo viés da dedicação, empenho, esforço. Ou seja, temos o *eu que agarra* (X) requalificado pelo Sprep.

(10) Eu concordei COM ele que ia ser muito engraçado.



A concordância efetiva-se a partir de um assunto que permite aos envolvidos se colocarem de acordo em relação ao que é tratado. Nesse enunciado, a opinião expressa por *ser muito engraçado* está no fundamento da concordância partilhada. A preposição COM especifica os sujeitos envolvidos na relação de concordância. Se *concordar* diz que há, de saída, concordância entre *um* e *outro*, COM define *um* e *outro* como *eu* e *ele*, estabelecendo ademais um caráter de mutualidade em relação ao que se é compartilhado. Dessa forma, a opinião de que algo *ia ser muito engraçado*, com a qual *ele* (Y) já estava de acordo e que é o ponto de partida da relação, provoca identificação no sujeito *eu*, que se inclina ao que é dito (X, como *eu que concorda*) e passa a partilhar da mesma opinião.

Esses enunciados tiveram por propósito auxiliar na compreensão do que vem a ser X e Y. Vale dizer ademais que, ainda que se considere *X R(preposition) Y* para abordar o conjunto das preposições, os estudos desenvolvidos por Franckel & Paillard (2007) e Ashino *et al.* (2017) mostram que, nesse conjunto, se observam dois tipos de relações entre X e Y, o que conduz os autores a postular a existência de preposições ditas de *divisão* (*zonagem*) e de *discernimento*^{viii}.

Preposições de *divisão*^{ix} são as que se veem frequentemente associadas ao espaço e ao tempo. Pertencer a este grupo significa dizer que a preposição associa o termo Y, que a segue, a um domínio no qual ela é capaz de distinguir uma ou mais zonas, cada uma delas dividindo e estruturando este domínio a seu modo. Fazemos uma hipótese de que



preposições como *sobre, sob, em, sem* do português brasileiro podem se enquadrar neste tipo de funcionamento.

Já preposições como *para, por e com*, a nosso ver, tendem a apresentar um comportamento bastante coerente com o que se é formulado sobre as preposições de *discernimento*. Ser uma preposição de discernimento implica dizer que Y, termo que segue a preposição, atribui propriedades ao termo X, que antecede a preposição, fazendo com que este seja apreendido dentro de novas configurações que não faziam parte de sua configuração inicial. Em outras palavras, as propriedades de Y, trazidas pela preposição, requalificam o estatuto inicial de X, que passa a ser apreendido de outro modo.

Para compreendermos melhor o que significa ser uma preposição de discernimento, caso de COM, consideremos o seguinte enunciado, além dos acima mencionados, em que esse funcionamento pode ser igualmente observado:

(11) *O positivismo era uma escola filosófica COM caráter social.*

Neste enunciado, COM, ao introduzir Y, *caráter social*, atribui a X, termo que corresponde ao *positivismo já qualificado como uma escola filosófica*, uma característica que o redefine, requalifica, em relação à sua configuração inicial. Ou seja, COM, ao introduzir Y (*caráter social*), confere à escola positivista uma característica que não necessariamente faz parte do que X já é por si só, incorporando a X um atributo que lhe é externo e que faz com que este seja apreendido sob nova ótica. Essa incorporação poderia, inclusive, ser vista por meio da seguinte



denominação para positivismo: *escola filosófica social*, na qual “social” já delimita a escola filosófica em questão.

À vista disso, consideramos que, no caso da preposição COM, Y interpreta-se como uma propriedade ou qualidade não constitutiva de X e que lhe é atribuída, pois, como dizem Ashino *et al.* (2017, p. 14), “esta propriedade é externa e redefine o estatuto de X, [correspondendo a] um modo de apreensão particular de X”.

Embora as preposições possam ter um funcionamento que se enquadra no que chamamos de divisão ou de discernimento, vale notar que cada uma tem uma *identidade semântica* capaz de diferenciá-la das demais. A este respeito, explicam Vilela & Rocha (2017) que:

Em linhas gerais, considerando a relação X PREP Y, assumimos que 1º) se o termo Y (consequente) é o termo que segue a preposição, o termo X não é evidente, nem necessariamente explícito no enunciado. Há, portanto, uma relação assimétrica entre X e Y; 2º) Y confere determinações específicas a X, termo a ser evidenciado, segundo a natureza da identidade semântica da preposição e o fato de ela ser uma preposição de divisão ou de discernimento. É assumido também que a interação VERBO-PREP decorre de uma combinatória entre dois predicados (o verbo e a preposição), com graus diferentes de imbricação entre os parâmetros próprios à identidade semântica de cada um. Trata-se, ainda, de verificar qual relação (divisão ou discernimento) se observa e como representá-la em termos de uma *identidade semântica*, forma invariante que define uma dada preposição. (VILELA & ROCHA, 2017, p. 306) *grifos das autoras*

Em Vilela (2016), é possível notar que a preposição COM participa da relação predicativa aberta por verbos para os quais os cenários enunciativos que deles decorrem postulam a necessidade de se haver uma pluralidade de sujeitos e/ou elementos – o que denominamos *um e outro* –



que se integrem. Em relação ao assunto que ora nos interessa, pontuamos que tanto o verbo ROMPER quanto a preposição COM instauram a necessidade de mobilizar dois elementos distintos e que operam, por sua vez, nos limites da alteridade: no caso do verbo, o que denominamos parâmetro *retentor* (a), que impõe contenção, limite, retém algo, e parâmetro *retido* (Z), ROMPER exprimindo que não mais se observa o que retém, de modo que o então *retido* seguirá outro curso; no caso de COM, acarreta-se uma nova configuração a *um* termo denominado X pela interferência da introdução de *outro* termo, o Y: Y redefine ou requalifica X. Esses elementos assimétricos, X e Y, no caso da preposição COM, a e Z, no caso do verbo, em dado momento, estabelecem uma forma de interação peculiar para que operem enunciativamente, acarretando efeitos de sentido significativos. Retomamos a questão com mais detalhes logo adiante.

Sobre os parâmetros de funcionamento da preposição COM, vê-se que Y é externo ao que se denomina X, o que implica dizer que X e Y possuem, fundamentalmente, origens distintas. Na relação estabelecida por COM, Y é incorporado a X, termo que antecede a preposição e cuja natureza não é evidente no enunciado, o que provoca efeitos na relação pelo fato de essa incorporação resultar em uma nova apreensão de X. Assim, X passa a ser visto sob as propriedades, qualidades, ditadas por Y, incorporado aos contornos iniciais de X, que já não é mais o mesmo. Daí falarmos, muitas vezes, em *requalificação*.

Isto posto, para a *identidade semântica* da preposição COM, tem-se que:



Dada a relação X COM Y, COM é responsável por incorporar propriedades oriundas de um elemento externo Y a X, propriedades estas que se integram a X e restabelecem o seu modo de apreensão, (re)configurando-o em relação a seu estatuto primeiro.

De modo a ilustrar a formalização proposta, consideremos os exemplos a seguir:

(12) Ele flertou COM o ridículo.

Nesse caso, *flertar com o ridículo* faz com que o *ele* seja visto como alguém cujo comportamento apresenta características que antes não o definiam e que, agora, passam a qualificá-lo. Vale dizer que o *flerte por ele protagonizado* (X)^x exige a presença de um outro elemento para que possa se realizar. COM, ao introduzir *o ridículo* (Y), além de dar a ver o *outro* elemento que valida a existência de X, faz com que o sujeito (*ele*) seja apreendido sob a ótica de Y. Daí ser possível parafrasear o enunciado dizendo que *Ele apresentou um comportamento ridículo*, comportamento que não necessariamente o caracteriza, mas que, a partir de então, passa a ser considerado na apreensão de *ele*.

(13) Tal fenômeno de penetração colide COM o interesse central do poder corporativo.

Para que *colidir* ocorra, é necessário, ao menos, um par de envolvidos antagônicos e que possuam direções ou objetivos próprios, estabelecidos como conflitantes e sem qualquer tipo de identificação. Em outras palavras, com *colidir*, somos conduzidos a construir um cenário em que temos dois elementos diferentes: um dado elemento vai de encontro a outro (o movimento de um determina o movimento contrário do outro), o



que evoca representações em que eles competem, divergem ou não há encaixe. Vale observar que Y, *o interesse central do poder corporativo*, representa o que não vai na direção de X, identificado pelo que seria, então, desejável ou esperado para *tal fenômeno de penetração*. A preposição COM é responsável por introduzir Y, que diz o movimento contrário ao que X determina, provocando, assim, *a colisão* e fazendo, ao mesmo tempo, que X seja apreendido como aquele que possui um posicionamento contrário, conflitante.

Ao refletirmos sobre a integração entre os parâmetros decorrentes da IS do verbo ROMPER (a e Z) com aqueles próprios à IS da preposição COM (X e Y), verificamos, como apontamos há pouco, que ambas as unidades instauram relações entre dois elementos que se encontram em condição de alteridade para que operem nos enunciados. Este é um dos aspectos que as coloca como compatíveis em seus usos. Observemos mais alguns exemplos a fim de melhor compreender como se dá essa imbricação:

(14) Os modernos cientistas ROMPERAM COM as teorias antiquadas.

Neste exemplo, o SN *as teorias antiquadas* é apreendido como pressupostos e princípios aos quais o *fazer dos cientistas* se submetiam. Em outras palavras, o SN *as teorias antiquadas* corresponde, em relação a ROMPER, ao parâmetro *retentor* (a), pois condiciona o *fazer dos cientistas* – parâmetro *retido* (Z) – a seus pressupostos e princípios. Considerando esses parâmetros, ROMPER diz que a relação em que o *fazer dos cientistas* (Z) é condicionado por *as teorias antiquadas* (a) não



mais se verifica, marcando a sua dissolução. Não se encontrando mais submetido ao que era posto, Z toma outro direcionamento, desvinculando-se de um dado *fazer teórico*. O emprego da preposição COM, por sua vez, faz com que seja possível assegurar a existência do condicionamento do *fazer dos cientistas* (Z) às *teorias antiquadas* (a). Ou seja, COM, ao introduzir *as teorias antiquadas* (Y), apresenta o que condiciona um dado *fazer teórico* (X), tornando-o diferente de seu estado anterior. Y e X da IS da preposição respondem aos parâmetros *retentor* (a) e *retido* (Z) da IS verbal.

Em suma, em ROMPER COM, observa-se uma relação em que *os cientistas*, antes obrigados a fundamentar-se em teorias com as quais não se identificavam, passam a se apoiar em novos pressupostos. Nota-se que é a partir da motivação contida nas necessidades ditadas pelo *fazer dos cientistas* que, de maneira recíproca, os envolvidos vivenciam os efeitos da dissolução: no caso do *fazer dos cientistas* (X-Z)^{xi}, temos uma prática que adquire novos contornos, pois segue um outro rumo ao ser orientada por pressupostos diferentes, e, no caso das *teorias antiquadas* (Y-a), estas possivelmente são esquecidas e substituídas por novos fundamentos, perdendo adeptos.

(15) Ele rompeu o sistema.

(15') Ele rompeu COM o sistema.

Em (15) *Ele rompeu o sistema*, ROMPER constrói uma representação na qual *o sistema*, tido como termo *retentor* (a) da IS verbal, dá origem a pelo menos duas interpretações:



(15 α) É famosa a história de Vladimir Levin que, a partir do computador de seu escritório em São Petersburgo, ROMPEU o sistema de segurança do Citybank (...).

(15 β) O temporal que caiu sobre a capital paulista na tarde desta segunda-feira (24/02) ROMPEU o sistema de circulação da água do lago do Parque (...).

Em (15 α), percebe-se que *o sistema* remete a informações que guardam (retêm) um dado conteúdo. O termo *retido* (Z) diz respeito a um conteúdo privado, não disponível para todos. *Vladimir Levin*, um possível *haker*, põe abaixo os limites impostos pela configuração do sistema, provocando o vazamento das informações retidas. Em suma, ROMPER diz que *o sistema* é afetado, pois as informações nele contidas passam a ser de livre acesso (há dissolução do sistema).

Em (15 β), por sua vez, *o sistema* remete a um mecanismo no qual a água circula. Logo, *o retentor* é esse mecanismo (a) que retém água (Z). Temos, aqui, enunciado semelhante a (4), já mencionado.

Em (15'), no qual se tem ROMPER COM, *o sistema* é igualmente apreendido como *retentor* (a): o termo Y da IS da preposição responde a um parâmetro da IS do verbo (parâmetro a). Em uma representação possível, (a-Y) remete a regras culturais, políticas e morais às quais se submetem os que convivem em sociedade, ou a regras comportamentais condicionando as pessoas que trabalham em um determinado lugar, etc. O elemento *retido* (Z) consiste nos que se submetem ou são condicionados ao sistema, o sujeito sintático *ele* estando nele incluído. Já há, aqui, uma diferença importante entre as duas



construções, uma vez que, naquela em que não se observa um SPrep, seja na contextualização (15 α) ou (15 β), o sujeito sintático não é um parâmetro da IS do verbo, ao contrário do que se observa na construção com SPrep, em que COM não só introduz o elemento que faz parte da IS do verbo como concebe o sujeito sintático como *retido*.

Se retomarmos a caracterização proposta para COM, vê-se como a preposição incorpora propriedades oriundas de Y ao termo X, já que *o sistema*, termo externo a *ele*, faz dele uma parte desse mesmo sistema com o qual rompe. A interpretação que se tem é a de que *ele* (X é *ele que rompe*), identificado como membro de um sistema do qual fazia parte, dado o rompimento, passa a seguir outro rumo. Vale dizer que os efeitos da dissolução trazida por ROMPER não só recaem sobre o vínculo estabelecido entre *ele* e *sistema*, mas passam a ser apreendidos sob a ótica da reciprocidade instaurada por COM na relação entre ambos: ele se vê desobrigado de seguir regras e *o sistema*, por não mais sustentar a permanência de uma parte, vê a sua composição afetada.

(16) O Brasil ROMPEU relações COM Cuba.

(16') Brasil e Cuba romperam relações.

É preciso, antes de mais nada, dizer que *relações* evoca o pôr em relação entre, no caso, dois países. Em (16'), esses dois países são dados no enunciado: *relações (diplomáticas ou econômicas)* (a) é o que leva os países *Brasil e Cuba* (Z) a respeitarem os acordos estabelecidos. Tem-se, assim, que *relações* (a) impõe limites a Z. ROMPER fazendo com que ocorra a dissolução de *relações* (a).



Já em (16), *Cuba*, introduzido por COM, especifica o *outro* país solicitado por *relações*, sendo este apreendido como origem dos interesses diplomáticos e econômicos aos quais o *Brasil* se comprazia. Desse ponto de vista, COM, mais do que introduzir o outro elemento da relação, o coloca, no que diz respeito a ROMPER, como o parâmetro *retentor* (a), pois condiciona os *interesses brasileiros* – parâmetro *retido* (Z) – àquilo que tem para oferecer. Considerando-se, portanto, esses parâmetros, ROMPER diz que a relação em que os *interesses brasileiros* (Z) é condicionada pela *oferta diplomática e econômica de Cuba* (a) não mais se verifica, marcando a sua dissolução.

Em outras palavras, COM, ao introduzir a *oferta diplomática e econômica de Cuba* (Y), apresenta o fator condicionante (logo, o *retentor* a) dos *interesses brasileiros* (X), que é igualmente o *condicionado* (Z), tornando-o diferente de seu estado anterior, pois há outros rumos diplomáticos. Y e X da IS da preposição respondem aos parâmetros a e Z da IS verbal.

Nota-se que é a partir da motivação contida nas necessidades ditadas pelo *Brasil* que os envolvidos vivenciam, de maneira recíproca, os efeitos da dissolução: no caso dos *interesses brasileiros* (X-Z), tem-se uma prática que adquire novos contornos ao ser instigada por pressupostos diferentes daqueles que Cuba lhe oferecia, e, no caso da *oferta diplomática e econômica de Cuba* (Y-a), estas são de outra ordem por perder a adesão brasileira.

Por fim, se em (16') não é possível definir a origem da dissolução do *acordo diplomático e econômico*, em (16), COM permite identificar



por quem a dissolução do acordo que envolvia dois países em um conjunto de interesses é desencadeada.

Ao analisar o verbo ROMPER em diferentes construções nas quais se faz presente um SPrep encabeçado por COM, observamos que classificar o SPrep sintaticamente não ajuda a compreender a orientação da relação predicativa pelos parâmetros constitutivos da IS da preposição. É importante notar que o verbo ROMPER, quando opera dentro do sistema de transitividade, não interage com qualquer preposição da língua portuguesa. Destacamos também que a preposição COM, ao participar da relação predicativa aberta por ROMPER, traz como consequência a necessidade de apreender os demais elementos envolvidos nessa relação dentro da ótica da reciprocidade, pois não só um, mas os demais elementos passam a ser afetados pelos efeitos oriundos do rompimento.

COM em sua relação com o prefixo CO: uma hipótese acerca de CORROMPER

Segundo Paillard (2002), tal como a preposição, o prefixo é um relator *R* que estabelece uma relação entre dois termos *X* e *Y*. Há, portanto, um esquema predicativo de dois lugares que lhe é associado, o que resulta em um *predicado complexo*:

(...) o predicado designado pela base verbal é reconstruído pelo prefixo, que corresponde a um predicado de dois lugares. Este relacionar de *duas relações* pode acarretar diferentes casos de figura conforme a correspondência entre os elementos *a* e *Z* do verbo e *X* e *Y* do prefixo for total,



parcial ou inexistente. (ASHINO, DE PENANROS, 2016, p. 13)

Trata-se, então, de considerar o fato de serem, preposição e prefixo, co-predicadores^{xii}. Quando se sustenta que preposição e prefixo operam como um relator R, instaura-se um jogo de natureza complexa, pois, nessa relação, mobilizam-se diferentes parâmetros que se integram de várias maneiras: parâmetros X e Y para a preposição e prefixo, a e Z (ou mais) para um verbo, o que justifica a importância conferida à descrição do que são os elementos X e Y e de que modo X e Y respondem (ou não) aos elementos a e Z de uma base verbal.

No que diz respeito à preposição, tais parâmetros estabelecem graus de imbricação que se dão em diferentes planos. Remetemos, uma vez mais, a Vilela (2016), para a compreensão de outros modos de imbricação não tratados neste trabalho. Nas análises aqui propostas, focalizamos um modo de imbricação em particular.

No caso do prefixo, têm-se outras particularidades na imbricação entre parâmetros. E aqui, vale, antes, uma ressalva. Na tradição linguística brasileira, como se vê em Romero & Trauzzola (2016) e em Trauzzola (2019), o estudo do prefixo é do domínio da morfologia, sendo este concebido como um morfema dotado de sentido que se acresce à base. Seu papel, nessa tradição, é o de modificar o sentido da base a partir de um cálculo semântico simplificado, fundado na adição de traços semânticos, na qual o sentido do prefixo se soma àquele da base. Esse posicionamento não auxilia na compreensão do funcionamento semântico-enunciativo da unidade prefixada, já que, como buscamos mostrar, a composição do



sentido excede os limites da palavra ao implicar o enunciado no qual a unidade prefixada é posta em uso.

Portanto, para examinar a prefixação, partimos, uma vez mais, da análise do verbo ROMPER, mais precisamente, dos parâmetros que definem a sua IS, posto que o predicado designado pela base verbal é reconstruído pelo prefixo CO. Isso conduz, no caso de CORROMPER, a uma nova IS, *i.e.* a um modo próprio de se mobilizarem os elementos dos enunciados aos quais ele se integra. Como se lê em Paillard (2002, p.93), o prefixo atua não como um mero especificador da base, mas intervém na construção do evento designado pelo verbo prefixado, o que faz com que tenhamos um verbo com propriedades semânticas, sintáticas e enunciativas diferentes daquelas do verbo correspondente à base.

Procedemos tal como fizemos com ROMPER quando seguido de um SPrep em COM, em que se consideraram os parâmetros a e Z da IS do verbo em sua relação com os parâmetros X e Y da IS da preposição. Nas análises que ora apresentamos, examinamos, no caso do prefixo presente em CORROMPER, de que modo os parâmetros X e Y do prefixo integram-se aos parâmetros a e Z do verbo especificando a base.

Importa notar que, na análise dos enunciados selecionados, ainda que não se adentre nos pormenores que envolvem o funcionamento semântico-enunciativo próprio de CORROMPER^{xiii}, este apresenta um parâmetro que contempla a alteridade, tal como se verifica em ROMPER e COM, *i.e.* a necessidade de se considerar mais de um elemento na relação predicativa por ele aberta.



Apoiamo-nos em um conjunto de pressupostos que, em um momento posterior, podem fundamentar considerações mais conclusivas a respeito do esquema operatório invariante de CO:

- CO é um relator R que estabelece uma relação entre dois termos X e Y;

- Assim como se observa em COM, X e Y não estão em um mesmo plano: Y é externo a X;

- Y recebe o estatuto de orientador da relação, pois, ao ser introduzido por CO, agrega determinações específicas a X, que figura como parâmetro da base verbal. Ou seja, é o parâmetro Y do prefixo que vai intervir no evento designado pela base verbal, modificando-o. Neste sentido, ter uma base prefixada implica dizer que Y não pode ser interpretado como a base em si, pois é ele o parâmetro fonte para introduzir determinações que se integram à base.

Assim, delineamos para CO a seguinte hipótese de funcionamento:

Dada a relação X CO Y, CO é responsável por fazer com que propriedades oriundas de um elemento externo Y sejam incorporadas a X, um dos parâmetros da base verbal, (re)configurando-o em relação a seu estatuto primeiro.

Vejamos, nas análises, de que modo CO atua sobre ROMPER, considerando-se, como ponto de partida, os parâmetros específicos ao prefixo (Ppref) e à base (Pbase).



(17) O arquivo foi CORROMPIDO.

Ppref: **(X) arquivo íntegro** (conjunto de dados ordenados); (Y) fator interveniente externo (p.e., presença de vírus);

Pbase: (a) ordenação dos dados (*retentor*); **(Z) arquivo íntegro** (conjunto de dados ordenados) (*retido*).

É importante considerar que um arquivo corrompido não é mais o mesmo por haver um fator externo que interfere na sua integridade. O prefixo CO exprime a existência do fator externo interveniente (por exemplo, a presença de vírus) que faz com que *X arquivo íntegro* (conjunto de dados ordenados) tenha a sua integridade afetada. Em relação à sua configuração inicial, X mostra-se reconfigurado (arquivo alterado, comprometido). Já ROMPER, enquanto base, é o condutor da dissolução percebida na *ordenação dos dados*, parâmetro *retentor* (a) de sua IS, o que faz com que (Z), na condição de *arquivo íntegro* não responda mais ao desempenho esperado. Lembremos que se há um arquivo íntegro, *i.e.* apreendido como um conjunto de dados ordenados, é por haver o que regule e ordene a configuração. Em suma, em razão da interferência de um fator externo, há uma nova ordenação na configuração inicial, que não funciona mais como deveria, tornando-se, possivelmente, um arquivo inutilizável ou destruído. Percebe-se, por fim, que na imbricação entre os parâmetros observada, o parâmetro X do prefixo corresponde ao parâmetro Z do verbo (X-Z), o que ratifica a possibilidade da combinatória entre o respectivo prefixo e a base verbal.

(18) O dinheiro CORROMPEU o jovem.



Ppref: **(X) modo de agir e pensar do jovem**; (Y) *o dinheiro* (fator interveniente externo);

Pbase: (a) valores e princípios (*retentor*); **(Z) modo de agir e pensar do jovem** (*retido*).

Este enunciado evoca fatores externos que interferem no modo de agir do jovem. No que se refere ao prefixo CO, *o dinheiro* (Y) consiste no fator que afeta o modo de agir e pensar do jovem (X): o jovem deixa de responder a seus valores primeiros para agir sob a égide do dinheiro, por exemplo. ROMPER, enquanto base, atua como condutor da dissolução percebida nos *valores e princípios* (a) que, antes, regia seu modo de agir e pensar (Z). Na imbricação observada, temos uma vez mais X, do prefixo, correspondendo a Z do verbo. X-Z valida a possibilidade da combinatória entre o respectivo prefixo e a base verbal. Y, por sua vez, corresponde ao sujeito sintático do enunciado.

(19) As ideias do Ocidente CORROMPERAM o governo nigeriano.

Ppref: **(X) modo de agir e pensar do governo nigeriano**; (Y) as ideias do Ocidente (fator interveniente externo);

Pbase: (a) valores e princípios (*retentor*); **(Z) modo de agir e pensar do governo nigeriano** (*retido*).

Semelhante ao exemplo anterior, temos que *as ideias do Ocidente* (fator interveniente externo) (Y) faz com que o modo de agir e pensar do governo nigeriano seja afetado em relação a sua configuração inicial, dada a interferência de valores que não lhe pertencem originalmente. ROMPER, enquanto base, atua na dissolução percebida nos valores e



princípios originais (a), levando o modo de agir e pensar do governo nigeriano a ser orientado por outros valores. Novamente, X, do prefixo, corresponde ao Z do verbo, atestando a hipótese por nós levantada. E Y é o sujeito sintático do verbo.

Considerações finais

O percurso traçado até aqui para analisar o papel da preposição na relação predicativa nos conduziu a uma nova indagação, que, desta vez, toca diretamente o processo de formação de palavras. O prefixo CO, nesta formação, é alvo de nossa atenção por ser um prefixo latino que, etimologicamente, possui raiz na forma CUM-, tida como o que designa *concomitância*, *reunião*. A relação evidenciada fez com que examinássemos de que modo a IS da preposição COM poderia contribuir para dar conta da semântica de um verbo prefixado por CO.

De acordo com Paillard (2002), assim como as preposições, os prefixos são descritos como um relator R que estabelece uma relação entre dois termos X e Y. Prefixar um verbo consiste em lhe conferir determinações suplementares e, por esta razão, a base verbal não tem como estar na origem dessas determinações, que, conseqüentemente, são sempre externas. Em outras palavras, no estudo do funcionamento semântico-enunciativo do verbo prefixado, não é possível considerar apenas os limites do verbo, sendo necessário examinar de que modo se dá a combinatória entre *identidades semânticas* para que se possa propor



quaisquer hipóteses a respeito do sentido implicado no evento designado por este verbo.

Nos poucos exemplos analisados, percebe-se que a IS do verbo não é reconfigurada pela preposição, no sentido em que os parâmetros da IS de COM apenas respondem (ou não) aos parâmetros da IS de ROMPER. No caso do prefixo, há uma reconfiguração da IS da base prefixada, como, aliás, era de se esperar, posto que há formação de uma nova unidade linguística. Nesse caso, o prefixo reconfigura a noção trazida por <ROMP>, intervindo no evento designado pela base verbal, o que pode ser observado no estatuto adquirido pelo sujeito sintático na construção SVO (sujeito-verbo-objeto).

Com efeito, em CORRROMPER, há sempre quem corrompe e quem é corrompido. O corruptor, apontado como fator interveniente externo, é um parâmetro da IS do verbo CORRROMPER, trazido pela formação em CO. Ele materializa-se como sujeito sintático nas construções SVO, como se pode notar nos enunciados (18) e (19), e pode ser recuperado por um SPrep em uma construção como a observada em (17), tida como uma construção passiva: *O arquivo foi corrompido por um vírus*. Essa é uma diferença fundamental em relação a ROMPER, uma vez que, em uma construção SVO na qual ROMPER se faça presente, o sujeito sintático nunca é um parâmetro da IS do verbo (ver, por exemplo, *Ele rompeu o sistema*, já analisado, em relação a *Ele corrompeu o sistema*: tem-se apenas no enunciado elaborado com CORRROMPER o termo *ele* como parâmetro da IS do verbo CORRROMPER).



Por outro lado, compreender o papel da preposição COM na relação predicativa aberta por ROMPER e, mais do que isso, compreender a IS desta preposição, trouxe contribuições importantes, ainda que o estudo esteja em desenvolvimento, para a definição de CO do ponto de vista de seu funcionamento semântico-enunciativo e, conseqüentemente, do modo como ele age sobre a IS da base, como vimos em CORROMPER.

Em conclusão, isso nos leva a sustentar a existência de um só marcador, dotado de uma mesma IS, capaz de transitar entre classes e, conseqüentemente, de adquirir diferentes funções. Por fundamentarmos-nos em uma vertente epistemológica cujo interesse centra-se nas propriedades semânticas e enunciativas das unidades linguísticas, nosso trabalho propõe uma investigação acerca das condições de produtividade do prefixo que pouco se pauta em características propriamente morfológicas, pois o que se buscou mostrar, nos poucos exemplos analisados, é que se mostra pertinente compreendê-las por meio das particularidades relacionais estabelecidas entre o prefixo e a base verbal, entre o verbo prefixado e as outras unidades que compõem o contexto linguístico em que o verbo prefixado se insere. É isso que nos permite evidenciar os mecanismos que autorizam e orientam a produção de sentidos, tanto do prefixo quanto do verbo prefixado.



Referências

- ASHINO, F. Contribution à l'étude de la notion de "réciprocité" en français contemporain. 2012, 260f. **Thèse** (doctorat). Paris: Université Paris. Diderot (Paris 7) École Doctorale de Sciences du Langage.
- ASHINO, F. *et al.* **Prépositions et rection verbale: étude des prépositions avec, contre, en, par, parmi, pour.** Bruxelles – Belgique: P.L.E Peter Lang s.a., 2017.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage.** Paris: Ophrys, 1999.
- DE VOGÜÉ, S. *et al.* **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- DONABÉDIAN, A.; MIR-SAMII, R. (Dir.) Dossier : La préfixation verbale. **Faits de Langues, Varia**, n° 48, p. 11- 92, 2016.
- FRANCKEL, J.-J. (Dir.) Le lexique, entre identité et variation. **Langue Française**, n° 133, 2002.
- FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Grammaire des prépositions.** T.1. Paris: Ophrys, 2007.
- JALENQUES, P. Étude sémantique du préfixe RE em français contemporain: à propos de plusieurs débats actuels en morphologie dérivationnelle. In: **Langue Française.** n° 133. p. 74-90, 2002.
- LIMA, V. S. A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com significação nas aulas de língua portuguesa. 2013, 135 f. São Paulo, SP. **Dissertação** (Mestrado em Ciências), Universidade Federal de São Paulo.



PAILLARD, D. À propos de la préposition AVEC, In. CAMUS, R.; DE VOGÜÉ, S. & MÉLIS, G. (Dir.) **Variations sémantiques et syntaxiques : aspects d'une théorie de l'invariance**. *LinX*, n° 70-71, 2014.

_____. À propos de l'ambivalence catégorielle préfixe/préposition: le cas de contre. **Coloque contre: identité sémantique et variation catégorielle**. n. 26. Recherches Linguistiques. Ed. P. Péroz. p. 249-267, 2001.

_____. Contribution à l'analyse du préfixe sous- combiné avec des bases verbales. **Langue française**, n.133. Le Lexique, entre identité et variation. p. 91-110, 2002.

_____. La notion de prédicat complexe. Préfixation – Particules Verbales – Constructions verbales en série, **Faits de Langues – Les Cahiers 2**, p. 197-228, 2010.

ROMERO, M. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição *por*. **Cadernos do IL**, n° 46, p. 149-170, 2013.

ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. **Calidoscópio**, Vol. 12, n° 2, p. 239-248, 2014.

ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. *Consumir* et *comer* em português brasileiro : contribution à l'étude du préfixe CO. Dossier La préfixation verbale. **Faits de langues**, n° 48, 2016.

ROMERO, M.; VILELA, T. R. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. In. DIAS, L. F. *et al.*



(Org.) **Enunciação e materialidade linguística**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

ROMERO, M.; VILELA, T. R.; ALVARENGA, C. D. M. *Romper com* no português brasileiro: modos de integração da preposição COM à relação predicativa. In. DIAS, L. F. (Org.) **Lingua e enunciação: roteiros e estações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p.396-412, 2018.

ROMERO, M. *et al.* **Manual de linguística: semântica, pragmática e enunciação**. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

TRAUZZOLA, V. S. L. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: uma concepção de linguagem entre o construtivismo e a teoria do conhecimento. 2019, 185 f. **Tese** (Doutorado em Ciências). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

VILELA, T. R. Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição COM. 2016, 190 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

VILELA, T. R., ROCHA, E. G. L. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 46 (1): p. 296-310, 2017.

ⁱ Morfema prefixal de forma livre deve ser entendido aqui como os morfemas que, quando isolados, constituem por si só uma palavra. CO (ver nota abaixo sobre a referida notação) é um exemplo de morfema prefixal de forma livre, diferentemente de RE, caracterizado como forma presa por depender de uma base para se constituir.

ⁱⁱ Ver ainda Romero & Vilela, artigo submetido à ReVEL (nov/2019) no qual abordamos o funcionamento semântico-enunciativo próprio à preposição COM: “Aspectos do papel enunciativo da preposição COM: objeto direto preposicionado e transitividade verbal”.

ⁱⁱⁱ A notação remete às diferentes formas CO-, COM-, CON-, COR-, CUM-.



^{iv} Dada o vasto número de conceitos teóricos e de reflexões trazidos no presente artigo, remetemos a trabalhos nos quais os temas tratados nas diferentes seções do artigo são estudados em detalhes. Assim, sobre identidade e variação semânticas das unidades, ver Franckel (2002), De Vogüé *et al.* (2011), Romero *et al.* (2019); sobre identidade e variação semânticas da preposição, ver Franckel & Paillard (2007) e Ashino *et al.* (2017); sobre identidade e variação semânticas do prefixo, ver Ashino & De Penanros (2016). Em relação ao PB, sobre a preposição COM, ver Vilela (2016) e Romero, Vilela & Alvarenga (2018), além do referido artigo submetido à ReVEL por Romero & Vilela; sobre prefixo, ver Romero & Trauzzola (2016); sobre o verbo ROMPER, ver Lima (2013) e Romero & Trauzzola (2014).

^v Ver, a esse respeito, Romero & Vilela, artigo submetido à ReVEL (nov/2019).

^{vi} O artigo de De Vogüé (2011) amplia o estudo da relação dos verbos com seus parâmetros de funcionamento semântico-enunciativo e dos verbos com seus argumentos.

^{vii} Os exemplos apresentados pertencem ao banco de dados *Léxico e Enunciação*, projeto financiado com o apoio da FAPESP sob responsabilidade de Romero (2013/07572-0). As análises recuperam, particularmente, o exposto em Romero & Trauzzola (2014, p. 245-246). Para maiores aprofundamentos sobre o funcionamento semântico-enunciativo do verbo ROMPER, ver Lima (2013) e Romero & Trauzzola (2014). Notemos ainda que, em ambos os trabalhos, os parâmetros são notados por meio de (X) e (Y). No artigo que ora se apresenta, assim como em Romero, Vilela & Alvarenga (2018), notam-se os parâmetros do verbo por (a) e (Z), visto, na literatura, atribuir-se a notação (X) e (Y) para os parâmetros da preposição.

^{viii} É importante destacar que os estudos aos quais nos referimos tratam das preposições da língua francesa. Entretanto, nos estudos que vimos desenvolvendo, tem-se notado que isso também se aplica às preposições em PB. Assim, recomenda-se a leitura de Romero (2011, 2013), Romero & Vilela (2015), Vilela (2016) e Rocha (2019).

^{ix} Os exemplos apresentados por Franckel & Paillard (2007) dizem respeito à língua francesa. Um deles, bastante esclarecedor, seria *Cela s'est produit avant son arrivée* (Isso se produziu antes da sua chegada), em que *avant* indica que *son arrivée* (sua chegada), ou melhor, a atualização da chegada, leva em consideração, primeiro, o acontecimento marcado por *Cela s'est produit* (Isso se produziu), segundo, o fato de que esse acontecimento se situa em uma posição de exterioridade correspondente ao *não ainda* da chegada. Dizendo de outro modo, *sua chegada* instaura duas zonas: a na qual ela ocorre (atualiza-se), outra na qual ela ainda não ocorreu (*não ainda*). *Avant* situa o acontecimento *Cela s'est produit* na zona do *não ainda*.

^x (X) é *Ele que flerta*, e não apenas *flertar*, nem apenas *ele*. Daí dizermos que (X) é *o flerte por ele protagonizado*.

^{xi} A respeito da imbricação dos parâmetros da IS do verbo e da IS da preposição, “X e Y correspondem, ambos, a um parâmetro [evocado pelo] verbo, [ou então] [...] ou X, ou Y, ou nem X, nem Y, corresponde a um parâmetro [evocado pelo] verbo” (Franckel & Paillard, 2007, p. 30).

^{xii} Em relação ao verbo, predicador por excelência.

^{xiii} Ver o estudo desenvolvido por Trauzzola (2019).